

Para Resa,

Por teres um coração duas vezes maior do que o de qualquer outra pessoa.

Por seres engraçada, mesmo quando estás mal-humorada. Por escutares.

Pelo carinho. Pelas chávenas de chá. Por sorrires quando entro numa sala. Pela vida que irradia de ti como a luz do sol. Por estares comigo, mesmo quando não é fácil. És a minha melhor amiga e a pessoa que mais amo no mundo. Da próxima vez que me apanhares a olhar para ti, e me perguntares o que estou a pensar, é isso. É sempre isso.

*Como solicitado, compilei uma lista de pessoas cujas vidas,
ou mortes, serão necessárias para que o seu plano tenha êxito.
Observe-as cuidadosamente. Todas elas têm um papel
a desempenhar no que está para vir.*

As investigadoras

Emory e a sua filha Clara

A sua família

Matis (avô de Emory)

Seth (pai de Emory)

Jack (marido de Emory — falecido)

Judith (mãe de Emory — falecida)

Os cientistas

Niema Mandripilias

Hephaestus Mandripilias

Thea Sinclair

Aldeões de importância

Hui (melhor amiga de Clara)

Magdalene (melhor amiga de Emory)

Ben (mais recente a chegar à aldeia)

Adil (avô de Magdalene)

PRÓLOGO

— Não há outra maneira? — pergunta Niema Mandripilias, horrorizada, falando em voz alta numa sala vazia.

Ela tem pele cor de azeitona, e uma mancha de tinta no seu pequeno nariz. O cabelo grisalho está à altura dos ombros e os seus olhos são de um azul impressionante, com manchas de verde. Parece ter cerca de cinquenta anos, e é assim há quarenta. Está debruçada sobre a sua secretária, iluminada por uma vela solitária. Tem uma caneta na mão trémula e, por baixo, uma confissão que está a tentar terminar há uma hora.

— Nenhuma que eu consiga vislumbrar — respondo-lhe, nos seus pensamentos. — Alguém tem de morrer para que este plano resulte.

Subitamente com falta de ar, Niema arrasta a cadeira para trás e atravessa a sala, afastando o lençol esfarrapado que serve de porta improvisada antes de entrar no ar húmido da noite.

Lá fora está escuro como breu, a Lua cercada por nuvens de tempestade. A chuva está a fustigar a aldeia abrigada, enchendo-lhe as narinas com o cheiro a terra molhada e ciprestes. Ela quase consegue ver o topo das muralhas que a rodeiam, pintadas de luar prateado. Algures na escuridão, consegue ouvir o guincho distante de máquinas e o tamborilar sincronizado de passos.

Ela fica ali, deixando a chuva morna encharcar-lhe o cabelo e o vestido.

— Eu sabia que ia haver um custo — diz, com a voz entorpecida. — Não me tinha apercebido de que seria tão elevado.

— Ainda há tempo para pôr este plano de lado — digo eu. — Deixa os teus segredos enterrados, e deixa toda a gente viver as suas vidas como sempre fizeram. Ninguém precisa de morrer.

— E nada vai mudar — responde ela com raiva. — Passei noventa anos a tentar livrar a humanidade do seu egoísmo, da sua ganância e do seu impulso para a violência. Finalmente, tenho uma maneira de o fazer. — Niema toca na cruz manchada que tem pendurada ao pescoço para a confortar. — Se este plano funcionar, criaremos um mundo sem sofrimento. Pela primeira vez na nossa história, haverá uma igualdade perfeita. Não posso virar as costas a isso porque não tenho forças para fazer o que é necessário.

Niema fala como se os seus sonhos fossem peixes a nadar de bom grado na sua rede, mas estas são águas turvas, muito mais perigosas do que ela consegue ver.

A partir do meu ponto de vista na mente dela — e nas mentes de toda a gente na ilha — consigo prever o futuro com um elevado grau de precisão. É uma confluência de probabilidade e psicologia, que é fácil de traçar quando se tem acesso aos pensamentos de todos.

A partir deste momento, há dezenas de futuros possíveis, cada um deles à espera de ser conjurado por um acontecimento aleatório, uma frase sem sentido, uma falha de comunicação ou uma conversa ouvida.

A menos que uma atuação de violino corra na perfeição, uma faca será cravada no estômago de Niema. Se a pessoa errada passar por uma porta há muito fechada, um homem enorme e cheio de cicatrizes será esvaziado de todas as suas memórias, e uma jovem que

não é nada jovem correrá voluntariamente para a sua própria morte. Se estas coisas não acontecerem, a última ilha da Terra acabará coberta de nevoeiro, tudo morto na escuridão.

— Podemos evitar essas armadilhas se formos cautelosos — diz Niema, observando os relâmpagos que rasgam o céu.

— Não tens tempo para ser cautelosa — insisto. — Quando te comprometeres com este plano, os segredos virão à tona, velhos rancores virão à luz e as pessoas que amas aperceber-se-ão da extensão da tua traição. Se alguma destas coisas perturbar o teu plano, a raça humana será extinta em cento e sete horas.

Niema sente o coração disparar, o pulso acelerar. Os seus pensamentos vacilam, apenas para se endurecerem novamente quando a sua arrogância toma as rédeas.

— As maiores conquistas sempre trouxeram o maior risco — diz ela, teimosamente, observando uma fila de figuras caminhando rigidamente na escuridão. — Começa a contagem decrescente, Abi. Daqui a quatro dias ou mudamos o mundo ou morremos a tentar.

107 Horas Até à Extinção da Humanidade

1

Dois barcos a remos flutuam no fim do mundo, com uma corda esticada entre eles. Há três crianças em cada um deles, com cadernos e lápis, a ouvir Niema dar a sua lição.

Ela está na proa do barco à direita, gesticulando em direção a uma parede de nevoeiro negro que se ergue um quilómetro e meio no ar a partir da superfície do mar. O sol poente é difundido através da escuridão fuliginosa, criando a ilusão de chamas a arder na água.

Milhares de insetos rodopiam no interior, brilhando suavemente.

— ... são retidos por uma barreira produzida por vinte e três emissores localizados à volta do perímetro da ilha...

A lição de Niema passa ao lado de Seth, que é a única pessoa em qualquer um dos barcos que não está a prestar atenção. Ao contrário das crianças, que têm idades compreendidas entre os oito e os doze anos, Seth tem quarenta e nove anos, uma cara enrugada e olhos encovados. O seu trabalho é levar Niema e os seus alunos até aqui e voltar quando terminarem.

Ele está a espreitar por cima da borda, com os dedos na água. O mar está quente e límpido, mas não vai ficar assim. Estamos em outubro, um mês de temperamento incerto. O sol glorioso dá lugar a tempestades repentinas, que se extinguem rapidamente e depois se

desculpam enquanto se afastam, deixando um céu azul brilhante no seu rasto.

— Os emissores foram concebidos para funcionar durante centenas de anos, a não ser que... — Niema vacila, perdendo o fio à meada.

Seth olha para a proa e encontra-a a olhar para o vazio. Ela dá esta mesma lição todos os anos desde que ele era um rapaz e nunca a ouviu tropeçar nas palavras.

Algo tem de estar errado. Niema tem estado assim o dia todo, a ver através das pessoas, só parcialmente a ouvir. Não é típico dela.

Uma ondulação traz um peixe morto a flutuar junto à mão de Seth, com o corpo desfeito em pedaços e os olhos brancos. Seguem-se mais, batendo no casco um após outro. Há dezenas deles, igualmente despedaçados, à deriva no nevoeiro negro. As suas escamas frias roçam-lhe a pele e ele leva a mão de volta para dentro do barco.

— Como podem ver, o nevoeiro mata tudo aquilo em que toca — diz Niema aos seus alunos, apontando para o peixe. — Infelizmente, cobre toda a Terra, exceto a nossa ilha e meia milha de mar que a rodeia.